

EXALTAÇÃO A MALLET E À ARTILHARIA

(Palestra proferida no CPOR - RJ)

Cel Art QEMA

SÍLVIO OCTÁVIO DO ESPÍRITO SANTO

Meus senhores

Sejam as minhas primeiras palavras de satisfação e de agradecimento.

Satisfação em poder falar a uma juventude selecionada, que aqui vem cumprir o seu dever cívico mais sagrado: o de servir e defender a Pátria. Satisfação em poder proferir esta palestra e ter a oportunidade de falar sobre a minha arma: a Artilharia. Mais do que satisfação, sinto mesmo orgulho em fazê-la.

Por isto, expresso meus agradecimentos ao Sr Cmt do CPOR e aos instrutores do Curso de Artilharia, por terem me proporcionado tão insigne honra.

10 de junho de 1801! Nesta data nasceu Emílio Luiz Mallet, patrono da arma de Artilharia. Este é o motivo pelo qual estamos reunidos para, numa homenagem significativa e vibrante, reverenciarmos a memória deste grande vulto militar que "tudo deu à Pátria sem a ela nada pedir, nem mesmo compreensão".

Compulsando-se a história militar brasileira, verifica-se que

desde 1824 as forças militares terrestres nacionais apareceram separadas em três armas: Infantaria, Cavalaria e Artilharia. Entretanto, somente em 1931 foi que a Artilharia Brasileira se organizou da seguinte maneira:

- 5 Corpos de Artilharia de Posição, e
- 1 Corpo de Artilharia a Cavallo, com sede no Rio Grande do Sul e que deu origem à Artilharia de Campanha Brasileira.

Os destinos do 1.º Corpo de Artilharia e de Mallet estiveram tão intimamente entrelaçados que discorrer sobre os feitos do 1.º Corpo é falar da gloriosa existência do insigne Patrono e é relatar a história da nossa Artilharia. Sigamos, pois, sua trajetória fulgurante.

Em 1843 encontramos o 1.º Grupo de Artilharia atuando na Revolução Farroupilha, apoiando a 8ª Bda de Cavalaria do Cel Frederico Caldwell. Em 1851, o 1.º Corpo passa a denominar-se 1.º Regimento de Artilharia que, sob o comando de Mallet, toma parte

nas Campanhas do Prata e da Tríplice Aliança.

Foi na Campanha do Prata que surgiu o apelido de Boi de Botas para os condutores e artilheiros do Regimento que lidavam com os bois que tracionavam os pesados obuseiros pelos campos e caminhos da Banda Oriental.

Em 3 de fevereiro de 1852, fazendo parte da coluna do Cel David Canabarro, os canhões do 1.º Regimento de Artilharia, em Monte Caseros, apoiaram com seu fogo cadenciado, inicialmente, a progressão da Divisão Oriental no flanco do dispositivo inimigo e, logo em seguida, a da infantaria brasileira sôbre El Palomar, local onde se decidiu a batalha. Por sua destacada atuação pôde o Boi de Botas inscrever em seu estandarte, com letras de ouro, sua primeira vitória em campanha externa.

Em 1864, ao entrar, novamente, o Exército Imperial em campanha, o 1.º Regimento de Artilharia, apoiando a coluna de Menna Barreto, realiza nôvo feito de glória e nova inscrição recebe em seu estandarte. Foi a tomada da cidadela de Paissandu, após 52 horas de intenso e cruel combate.

Posteriormente, por sua excepcional atuação, ainda na Campanha da Tríplice Aliança, o regimento engalana seu pavilhão com mais seis feitos heróicos: Uruguaiana, Confluência, Tuiuti, Curuzu, Curupaiti e Lomas Valentinas, locais onde se travaram as principais batalhas desta campanha e onde o Boi de Botas esteve sempre presente, apoiando, pelo fogo de seus canhões, a infantaria e a

cavalaria, depois de rodarem centenas de léguas sob as mais variadas condições de tempo e de terreno, em cinco longos anos de lutas.

Destas batalhas destaquemos Tuiuti, pois que é uma espécie de legenda para o soldado brasileiro, porque foi a batalha do século, a batalha dos bravos, a batalha dos patronos das armas. Travou-se ali a luta decisiva, cheia de quadros heróicos e dramáticos. Foi ao mesmo tempo o duelo maciço das bôcas-de-fogo, o entrevêro e o arrôjo das cargas de cavalaria e os choques e a luta corpo-a-corpo dos infantes. É nome que relembra um dos feitos mais brilhantes e mais expressivos da união e do valor das nossas três mais antigas armas combatentes.

Por todos êstes feitos, portanto, nenhum ato foi mais justo do que a escolha do nome do comandante do 1.º Reg Art — Emílio Luiz Mallet — para patrono da Arma de Artilharia e a designação de Mallet para nome do Regimento em que serviu por largo período de sua vida.

Emílio Luiz Mallet conquistou três de suas promoções no campo de luta: a de capitão por sua distinguida conduta na batalha do Passo do Rosário, no comando de uma bateria; a de coronel por ato de bravura em Tuiuti; e a de Brigadeiro em atenção aos relevantes serviços prestados ao Exército em Operações.

Mallet era um homem simples, de muito poucas palavras, modesto, humano e reto. Era bondoso e afável no trato, mas rijo nas atitudes e determinações; dotado

de indômita energia e fôrça de vontade, era condescendente com os subordinados e extremamente exigente consigo mesmo.

Mallet não é um símbolo heróico daqueles a que se está acostumado a assistir. Sua carreira não foi rápida e não se revestiu de galas dos salões elegantes; seu peito não ofuscava de medalhas. Fêz-se e montou seu nome, unicamente, no manuseio do canhão. Os "reparos" de suas peças não sustentavam, apenas, os tubos de almas inflamadas, mas, também, o nome de seu impávido chefe. Aí se escorou, aí se escudou o vanguardeiro da Tuiuti.

No auge da vibração do combate Mallet proclama em defesa da Pátria: "Eles que venham. Por aqui não passam!" Frase lapidar que varou tempos e é atualíssima. Frase-escudo, frase-fortaleza, frase-atalaia, frase-reduto, é mesmo a frase-égide do Exército contra as idéias malsãs, as ideologias esdrúxulas, os pensamentos desagregadores, as tentativas de desarmonia entre chefes e subordinados: "Eles que venham, por aqui não passarão".

Mas não termina aqui o papel histórico da arma de Mallet. A Artilharia brasileira tem participado, sempre, ativamente dos grandes acontecimentos de nossa nacionalidade.

Assim, assinalamos os feitos de nossos fortes e fortalezas, que sempre souberam rechaçar as investidas dos audaciosos e ávidos corsários, tornando-se verdadeiras sentinelas avançadas da integridade territorial de nosso país.

Por ocasião da Proclamação da República, o 2.º Regimento de Artilharia de Campanha teve papel destacado, quando, se reunindo aos 1.º e 9.º Regimentos de Cavalaria formando a 2.ª Brigada, deslocou-se de seu aquartelamento para o Campo de Santana, ocupou posição com seus 16 canhões face ao Quartel-General. Ainda foi de relêvo o papel do Regimento na Revolta da Armada. Salientamos, também, neste episódio a atuação do forte do Pico, das fortalezas de São João, Laje e Santa Cruz.

O 2.º Regimento de Artilharia de Campanha teve origem na Fortaleza de Santa Cruz, quartel onde o Marechal Floriano Peixoto sentou praça. Ao regimento que colaborara decididamente para a consolidação do nôvo regime, coube, ainda, realizar as honras fúnebres ao Marechal de Ferro. Assim, vinculado definitivamente ao velho regimento o nome do Consolidador da República, houve por bem o Governo, em 1942, dar ao 1.º Regimento de Artilharia Montado (1.º RAM), sucessor do 2.º Reg Art Cam, a denominação de "Regimento Floriano", que passou ao seu continuador o atual 1.º RO 105.

Jornada de grande significado cívico-militar foi escrita em 1922, nas brancas areias de Copacabana, quando 18 heróicos artilheiros, abandonando o Forte foram lutar, de peito aberto, imolando-se em defesa de seus ideais de liberdade e de justiça da honra militar, ultrajantemente enxovalhada. Jo-jens artilheiros, a defesa da honra vale qualquer sacrifício.

Neste pinçar de fatos históricos cumpre destacar o papel dos 1.º

GAP e GEAs que, em defesa de nossos direitos de povo livre, cristão e democrata, dirigiram o fogo mortífero de seus canhões contra os maus brasileiros vendidos ao comunismo internacional que, por ocasião da Intentona Comunista de 1935, não hesitaram em assassinar, a sangue frio, na calada da noite, seus companheiros de farda. Jovens artilheiros, guardem esta imagem. Os traidores, os covardes, os vendilhões da Pátria estão aí, novamente, com os seus cantos de sereia. Podem ter certeza de que aquelas mãos não tremerão quando puderem assassinar novamente.

Des feitos da nossa artilharia nos campos da Itália, desejo somente evidenciar o seguinte trecho da proclamação feita pelo Gen Mascarenhas de Moraes, comandante da FEB, que faz justiça à atuação da Artilharia: "O troar dos canhões de nossa Artilharia entoa, nos campos da Europa, um hino de glória a Mallet — o impoluto patrono — e, no leque de suas trajetórias, siblam as granadas o estribilho que faz tremer o inimigo, que conhece e respeita o valor da Artilharia do Brasil".

Finalmente, em 31 de março de 1964, o Forte de Copacabana fiel a sua missão de sentinela da liberdade e baluarte da democracia, irmanado com outras unidades do Exército Brasileiro, resolveu dizer "Basta" à anarquia e à indisciplina e ao comunismo, que começavam a grassar no solo pátrio.

Mas o que é a Artilharia? Como ela atua? Tem cabimento nos dias de hoje sua ação?

Sua arma não é o canhão, o obuseiro, o lançador de foguetes

ou de mísseis. Sua arma é o projétil, o obus, o foguete, o próprio míssil.

Ela atua espalhando a morte e a confusão em forma de ferro e fogo, confirmando que "na batalha sinistra a melodia é mais alta na garganta da pesada artilharia".

Ela, com seus tiros e fogos de interdição, isola o campo de batalha, interrompe ou diminui o fluxo dos suprimentos, anula a ação de comando silenciando os centros de comunicações e os postos de comando e cegando os postos de observações, restringe o movimento dos reservas batendo os caminhamentos e as zonas de reunião.

Ela, com seus fogos de contra bateria, silencia o poder de fogo do inimigo por meio de concentrações maciças sobre as posições de bateria, de morteiro e de lançadores de foguetes ou de mísseis.

Ela, na hora H, com seus fogos de apoio direto, martela as posições inimigas mais avançadas, destruindo-as ou neutralizando-as, facilitando, destarte, o desembocar do ataque, proporcionando condições favoráveis a uma rápida progressão e um assalto violento sobre uma tropa desmoralizada.

Suas ações não se medem somente pelos danos materiais provocados por seu fogo mortífero e destruidor, mas também, pelo efeito desmoralizante que causa às tropas submetidas à ação de seus fogos poderosos, tirando-lhes a vontade de lutar, acovardando-as.

Por fim, vem a pergunta: tem cabimento, nos dias de hoje, a ação da Artilharia?

Num ambiente de guerra nuclear, a artilharia poderá se transformar de arma de apoio em arma de manobra, pois, o poder de seus projéteis possibilita ao Cmt montar sua manobra nêle baseado. Assim, nesta guerra em que os espaços vazios aumentam e as concentrações de forças diminuem, poderá caber à artilharia, além das missões clássicas, as de, como arma manobreira: — romper a posição inimiga, pelo efeito destruidor de seus projéteis nucleares, de modo que a Infantaria e os Carros de Combate já se lancem da LP no aproveitamento do êxito, sem passar pela fase do ataque; ou barrar uma via de acesso, com diversas finalidades, mesmo a de cobertura de flanco, por intermédio de seu fogo e da radioatividade produzida pelos arrebetamentos de seus projéteis.

Na guerra de guerrilha, freqüente tem sido o emprêgo da artilharia no Vietnam. Aí, o apoio da artilharia auto-rebocada, ou auto-propulsada ou mesmo heli-transportada se faz presente, principalmente, sob a forma de tiros conduzidos à base de observadores avançados. Neste tipo de guerra, em que o contato é impreciso e fluido, em que as Linhas de Segurança de Apoio de Artilharia (LSAA) tomam formas caprichosas e, às vezes, se tornam curvas fechadas, em que as mudanças de posição e os movimentos de tropas, em tôdas as direções, são freqüentes e se fazem rapidamente, em que é grande o

número de helicópteros na zona de ação, um dos principais aspectos é a coordenação do apoio de fogo. E, o artilheiro é, em última análise, o coordenador, o próprio CCAF. Neste ambiente impera a descentralização das ações e a flexibilidade e a versatilidade da arma é caracterizada ao máximo e fica evidenciada a alta técnica de que são possuídos os artilheiros.

A Artilharia não substitui as armas-base, mas gostaríamos de lembrar os seguintes aspectos:

1.º — na campanha da Itália e na Guerra da Coréia, mais de 80% das baixas aliadas foram causadas pelo fogo de artilharia;

2.º — na operação do vale do Ia Drang, no Vietnam, o poder destruidor da artilharia teve crédito de 50% nos danos causados ao pessoal;

3.º — historicamente está registrado que os efetivos empregados nas operações militares vêm diminuindo à proporção do aumento da potência de fogo;

4.º — a tendência para a utilização do fogo em escala crescente tem como um dos objetivos preservar o elemento humano do combate corpo a corpo;

5.º — a tropa é, cada vez menos, o objetivo principal das guerras, ao passo que os comandos, as comunicações e os centros nervosos, que se localizam fora do alcance das ações de choque, são objetivos mais compensadores;

6.º — quando a artilharia não aparece nos campos da luta, passa a predominar o apoio aéreo com todos os inconvenientes da falta

de continuidade dos fogos, bem como do elevado custo e não menor risco para as guarnições altamente especializadas das aeronaves de combate; convém ainda lembrar que o apoio de fogo aéreo e o apoio de artilharia dependem de vários fatores como, por exemplo, das condições meteorológicas, da economia, do efeito desejado, da continuidade, do alcance do grau de precisão etc.; a escolha de um ou de outro meio não depende da vontade pessoal; além do mais, cada Arma tem suas características próprias que não devem ser confundidas.

A Artilharia não é a arma mais importante do combate. Todas têm, dentro de suas missões, igual importância, e a Vitória só será conseguida se armas e serviços forem empregados judiciosamente, aproveitando-se suas possibilidades, não em ações isoladas ou sucessivas, mas num conjunto harmonioso em que cada uma complete a ação da outra.

Meus Senhores, chegamos ao fim. Voltemos nossos corações e nossas mentes ao Patrono.

Desejo terminar esta Exaltação à Arma dos Fogos Poderosos Densos, Largos e Profundos prestando uma homenagem a todos os irmãos artilheiros, que souberam derramar seu sangue generoso em defesa dos legítimos

ideais de nossa Pátria, recordando a sublime página de heroísmo que nos legaram os componentes da 4.^a Bia do 2.^o Reg Art Cam massacrados junto aos seus canhões, na estrada da Favela, nos sertões da Bahia, quando integravam a Expedição Moreira César enviada a combater os jagunções de Antônio Conselheiro.

Conta-nos o histórico do 2.^o Reg Art. Cam o seguinte: "Na manhã de 4 de março de 1897, ante o furor assassino dos fanáticos que atacavam os nossos elementos de todos os lados, irrompeu o pânico entre os que se retraíam ao longo da única estrada que conduzia à retaguarda. Viuse a 4.^a Bia isolada e cercada. Apesar disto, reagiu violentamente atirando, enquanto podiam, seus "shrapnells — a zero cruz na marca" Entretanto, foi massacrada, morrendo muitos dos seus componentes abraçados aos seus canhões, em defesa da Pátria e da Bandeira. Comandava a 4.^a Bia o Cap José Salomão Agostinho da Rocha. Suas últimas palavras foram: "Onde Fica a Bateria Fica Seu Capitão!"

Guardemos o exemplo. Sirvanos de estréla guia a indicar-nos o caminho da honra e do dever, para maior glória do Brasil, engrandecimento do Exército e orgulho de nossa arma — a Artilharia.